

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO DOS PROFESSORES NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA DESREALIZAÇÃO E DA
DESPERSONALIZAÇÃO**

Marlon Nunes Silva

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG

<http://lattes.cnpq.br/8529530677510831>

<https://orcid.org/0000-0003-3776-6563>

E-mail: psicanalistamarlonnunes@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2025.02>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2025.02-54>

ÁREA TEMÁTICA: Psicologia e Educação.

RESUMO: Este artigo analisa os processos de normalização que atravessam a escola contemporânea a partir da racionalidade técnica e instrumental própria da modernidade. Com base na teoria crítica, na psicanálise e na filosofia da educação, examinam-se os efeitos da burocratização, da mensuração e da padronização sobre o trabalho docente, compreendendo o sofrimento docente como um fenômeno estrutural. Em diálogo com Adorno e Horkheimer, Weber, Freud, Nietzsche e Umberto Galimberti, bem como com o paralelo literário de O Alienista, de Machado de Assis, argumenta-se que a educação, quando subordinada à lógica do cálculo e da eficiência, tende a produzir despersonalização e empobrecimento da experiência educativa. Conclui-se que repensar a escola exige recolocar a experiência, a linguagem e a singularidade no centro da prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Educação. Sofrimento Docente. Despersonalização. Desrealização.

INTRODUÇÃO

A docência na contemporaneidade é atravessada por um mal-estar persistente e difuso, que não pode ser explicado exclusivamente por fatores individuais, emocionais ou circunstanciais do trabalho pedagógico. Trata-se de um sofrimento de natureza estrutural, produzido historicamente, que se vincula à intensificação da racionalidade

instrumental e burocrática no campo educacional. Essa racionalidade, conforme analisam Adorno e Horkheimer (1985) e Weber (2004), subordina as práticas sociais à lógica do cálculo, da previsibilidade e da eficiência, reduzindo a ação docente a procedimentos técnicos e mensuráveis. Como consequência, a experiência pedagógica tende a ser esvaziada de seu sentido simbólico, formativo e relacional, afetando diretamente a constituição subjetiva do professor e sua possibilidade de atribuir significado ao próprio trabalho.

Nesse contexto, a escola passa a operar crescentemente como um sistema técnico-administrativo, orientado por metas, indicadores de desempenho, protocolos padronizados e mecanismos de controle. A centralidade conferida à avaliação quantitativa e à gestão por resultados desloca a função formativa da educação, que deixa de priorizar a experiência, o diálogo e a singularidade dos sujeitos, para atender às exigências de eficiência e produtividade. Tal configuração tende a transformar o professor em executor de prescrições externas, enfraquecendo sua autonomia intelectual e pedagógica, ao mesmo tempo em que intensifica sentimentos de inadequação, exaustão e perda de sentido no exercício da docência.

NORMALIZAÇÃO E RACIONALIDADE TÉCNICA NA ESCOLA

A lógica da avaliação contínua, da padronização curricular e da mensuração permanente do desempenho transforma a escola em um espaço privilegiado de normalização, no qual tudo deve ser comparável, classificável e passível de controle. Esse processo não se limita à regulação de práticas pedagógicas ou de comportamentos observáveis, mas incide de maneira profunda sobre a subjetividade docente, moldando modos de sentir, pensar e agir. Ao submeter o trabalho educativo à lógica da eficácia e da quantificação, produz-se um movimento de despersonalização do professor, que passa a vivenciar o cotidiano escolar sob a forma de exigências incessantes, metas inatingíveis e cobranças difusas. Como apontam Adorno (2006) e Birman (2003), esse cenário favorece o cansaço crônico, o sofrimento psíquico e a perda progressiva do sentido do trabalho educativo, reduzido a uma função técnica desvinculada da experiência formativa.

O paralelo com O Alienista, de Machado de Assis, permite aprofundar a compreensão desse processo ao evidenciar como a absolutização de critérios racionais pode conduzir à ampliação indefinida do desvio. Na narrativa machadiana, a busca obsessiva por uma norma científica transforma quase toda a população em objeto de classificação e exclusão, revelando o caráter autoritário de uma razão que se pretende neutra e universal. De modo análogo, na escola contemporânea, a norma tende a prevalecer sobre a experiência viva, convertendo diferenças, ritmos e singularidades em inadequações a serem corrigidas. Nesse movimento, reforçam-se mecanismos de exclusão simbólica e silenciamento, nos quais aquilo que escapa à padronização é tratado como falha, deficiência ou desvio, aprofundando o mal-estar docente e fragilizando o sentido humanizador da educação.

TÉCNICA, MEDIDA E EMPOBRECIMENTO DA EXPERIÊNCIA

A crítica à racionalidade técnica ocupa lugar central na análise aqui desenvolvida, na medida em que permite compreender os fundamentos históricos e conceituais do mal-estar que atravessa a docência contemporânea. Conforme Adorno e Horkheimer (1985), a razão moderna, ao se orientar prioritariamente pela dominação da natureza e pela eficácia dos meios, reduz o mundo àquilo que pode ser calculado, previsto e administrado, convertendo-se em razão instrumental. Esse processo implica um empobrecimento da experiência, pois tudo aquilo que escapa à lógica da mensuração tende a ser desqualificado. No campo educacional, tal racionalidade se manifesta de forma contundente na centralidade conferida aos indicadores quantitativos, às métricas de desempenho e à burocratização crescente do trabalho docente, que passa a ser avaliado mais por resultados mensuráveis do que por seus efeitos formativos, éticos e simbólicos.

As reflexões de Galimberti (2006) aprofundam essa crítica ao evidenciar o caráter autojustificado da técnica, que deixa de ser um meio a serviço de fins humanos e passa a se impor como critério absoluto de verdade e legitimidade, independentemente de seus efeitos subjetivos e existenciais. Em diálogo com Nietzsche, para quem o homem é um animal que mede, observa-se que a quantificação da experiência educativa

reduz a complexidade da formação humana ao que pode ser numericamente aferido, obscurecendo dimensões como o desejo, o conflito e a singularidade. Nesse cenário, intensificam-se processos de autoavaliação permanente, vigilância de si e comparação constante, que produzem sentimentos de insuficiência e inadequação. Como assinala Birman (2014), tais dinâmicas contribuem para o aprofundamento do mal-estar docente, ao submeter o professor a uma lógica de exigência contínua que fragiliza sua relação com o saber, com o ensino e consigo mesmo.

SOFRIMENTO DOCENTE E RESISTÊNCIA SIMBÓLICA

A psicanálise contribui de modo decisivo para a compreensão do sofrimento docente ao evidenciar seu caráter não contingente, mas estrutural, decorrente de uma contradição constitutiva do trabalho educativo contemporâneo. Exige-se do professor envolvimento afetivo, disponibilidade subjetiva, criatividade pedagógica e compromisso ético com a formação do outro, como se a docência dependesse de uma entrega constante de si. Entretanto, as condições objetivas em que esse trabalho se realiza são marcadas pela fragmentação das tarefas, pela aceleração do tempo escolar, pela sobrecarga administrativa e pelo controle burocrático permanente. Essa disjunção entre as exigências simbólicas e afetivas dirigidas ao docente e as condições materiais e institucionais que sustentam sua prática produz um mal-estar persistente, que se expressa em exaustão, angústia, sensação de fracasso e impotência. Tal dinâmica, longe de ser um problema individual, remete ao que Freud (2011) já identificava como os impasses da cultura, nos quais o sujeito é convocado a responder a demandas incompatíveis, e ao que Dunker (2017) descreve como formas contemporâneas de sofrimento vinculadas às instituições e ao trabalho, marcadas pela impossibilidade de simbolizar a própria experiência.

Diante desse cenário, a linguagem, a escrita e a escuta configuram-se como possíveis espaços de resistência à racionalização instrumental que domina o campo educacional. Ao permitirem a elaboração simbólica da experiência, esses dispositivos favorecem a construção de narrativas capazes de dar sentido ao vivido, rompendo com a lógica da urgência, da padronização e da mensuração permanente. Mais do que recursos

metodológicos, tratam-se de práticas que recolocam o sujeito no centro do processo educativo, reconhecendo a dimensão afetiva e inconsciente do ensinar e do aprender. Conforme Adorno (2006), uma educação comprometida com a emancipação não pode se limitar à adaptação funcional às exigências do sistema, devendo promover a autorreflexão crítica, a capacidade de questionamento e a abertura à experiência. Nessa perspectiva, sustentar espaços de fala e escuta na escola constitui um gesto ético e político, na medida em que reinscreve a singularidade, o conflito e a experiência subjetiva como dimensões fundamentais da formação humana e do trabalho docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o sofrimento docente não pode ser compreendido como um fenômeno contingente, individual ou circunstancial, mas deve ser reconhecido como um sintoma das formas contemporâneas de organização da escola sob a hegemonia da racionalidade técnica e instrumental. Ao submeter o trabalho educativo à lógica da mensuração, da eficiência e do controle, a instituição escolar tende a esvaziar o sentido simbólico da docência, produzindo processos de despersonalização e mal-estar que atravessam a experiência cotidiana dos professores. Tal sofrimento, portanto, revela não uma falha subjetiva, mas uma contradição estrutural entre as exigências formativas da educação e as condições objetivas que regulam sua realização.

Nesse sentido, repensar a educação implica interrogar criticamente os pressupostos que orientam as práticas escolares e os dispositivos que sustentam a normalização e a padronização do ensino. Recolocar a experiência, a singularidade e a formação subjetiva no centro da ação pedagógica significa resistir à redução da educação a um mero processo técnico-administrativo, afirmando sua dimensão ética, simbólica e emancipatória. Trata-se, portanto, de reconhecer a escola como espaço de elaboração da experiência e de produção de sentido, no qual o trabalho docente possa se constituir não apenas como execução de tarefas, mas como prática reflexiva, crítica e humanizadora.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ASSIS, Machado de. **O alienista**. 1. ed. Dois Irmãos, RS: Clube de Literatura Clássica, 2025.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Teoria da transformação em psicanálise: da clínica à política**. São Paulo: Zagodoni, 2017.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras selecionadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SHIROMA, Eneida Oto; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso; CAMPOS, Roselane Fátima. **Políticas educacionais: discursos, reformas e práticas**. São Paulo: Xamã, 2005.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UnB, 2004.